

CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS E SUAS CONFLUÊNCIAS NO INGLÊS AFRO-AMERICANO E NO PORTUGUÊS AFRO-BRASILEIRO: ALICE WALKER E CAROLINA MARIA DE JESUS

Alice Maria de Lemos Gramosa*
Ana Lígia Leite e Aguiar**

RESUMO: O artigo tem como objetivo fazer um levantamento das representações linguísticas presentes nos livros *A cor púrpura* (1982), de Alice Walker, e *Quarto de despejo* (1960), de Carolina de Jesus, que denotam a relação entre língua e identidade, rasurando a lógica canônica, de matriz eurocêntrica, ao inscrever uma escrita expressiva do inglês afro-americano e do português afro-brasileiro na cena dos estudos literários.

Palavras-chave: Língua. Identidade. Estudos literários.

Introdução

As narrativas *A cor púrpura* (1982) e *Quarto de despejo* (1960) rasuram as escritas do padrão linguístico imposto pela sociedade e isso ocorre devido às condições sociais e econômicas que influenciam na variação linguística das personagens. Ambos romances são reconhecidos como textos políticos não só por serem escritos por mulheres negras, mas, também, pela demarcação cultural através da escrita literária que utiliza a língua negra como como prática social, política e identitária. O caráter desses textos e o lugar de fala¹ dessas escritoras trazem uma ideia de representação de um coletivo que ainda não se narra por suas próprias vias, que são as pessoas das favelas brasileiras, narradas por Carolina Maria de Jesus, e por uma época pós-escravocrata nos Estados Unidos da América, representada pela personagem do livro da Alice Walker, Celie. As narrativas apresentadas pelas autoras são caracterizadas pela “desterritorialização da língua, a ligação do indivíduo no imediato político e o agenciamento coletivo de enunciação” (DELEUZE, 2014, p. 39), sendo assim consideradas literatura menor, ou seja, se deslocam de um arquétipo canônico criando uma nova forma de escrita que é constantemente marginalizada e trazem novas discussões para o mundo literário.

É a literatura que se encontra encarregada positivamente deste papel e desta função de enunciação coletiva, e mesmo revolucionária: é a literatura que produz solidariedade ativa, malgrado o ceticismo; e se o escritor que está à margem ou apartado de sua comunidade frágil, essa situação o coloca ainda mais em condição de exprimir uma outra comunidade potencial, de forjar os meios de uma outra consciência e de uma outra sensibilidade (DELEUZE, 2014, p. 37).

Alice Malsenior Walker, uma romancista, poetisa, ensaísta e contista feminista, nasceu em 1944, nos Estados Unidos, Geórgia. Filha mais nova de oito crianças de pais agricultores, tendo nascido no período de segregação racial, Walker sempre se envolveu em movimentos sociais lutando a favor das questões raciais e de gênero. Suas produções falam de temas que envolvem o racismo e o feminismo, trazendo, através da literatura, discussões políticas que

* Graduada em Letras: Língua Estrangeira, com ênfase em Língua Inglesa e Mestranda em Literatura e Cultura na Universidade Federal da Bahia (UFBA), com ênfase em Documentos da memória cultural. E-mail: alicedelemos@hotmail.com

** Professora de Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura (UFBA).

¹ “Pensar em lugar de fala seria romper com o silêncio instituído para quem foi subalternizado, um movimento no sentido de romper com a hierarquia.” (RIBEIRO, 2017, p. 90).

abordam questões sobre os direitos humanos de grupos historicamente desprovidos desses benefícios: as minorias, pessoas que são constantemente inferiorizadas pelos aspectos sociais, econômicos, culturais e físicos. Dentre diversos livros, contos e poemas, um dos seus mais conhecidos é o romance *A cor púrpura* (1982), livro vencedor do prêmio *Pulitzer*, um dos títulos mais importantes da literatura no mundo. Foi vencedora, também, do prêmio *National Book Award* (1983), conhecido como um dos mais importantes prêmios literários dos Estados Unidos da América, dado anualmente aos melhores livros escritos por cidadãos norte-americanos que estão vivos, tendo as categorias: ficção, não-ficção, poesia e literatura juvenil.

Em *A cor púrpura*, Alice Walker conta a trajetória da vida de Celie, uma garota negra, adolescente, residente nos Estados Unidos, uma menina totalmente submissa ao pai, à mãe, ao marido, aos enteados e à sociedade. A personagem narra, em um primeiro momento, a sua vida por cartas escritas para Deus e, logo em seguida, começa a enviá-las para sua irmã que virou missionária em um país da África, relatando sua vida extremamente sofrida marcada pela violência sexual – estuprada pelo padrasto que acreditava ser seu pai e pelo marido dela – pelo machismo e pelo racismo, em uma cidade segregada ao sul dos Estados Unidos, cujo pano de fundo é um recente “término” da escravidão que perpassa o período de 1900 e 1940. Essas cartas são caracterizadas por uma escrita carregada por seu contexto social e étnico, conceituada como *Black English*, inglês afro-americano, que historicamente carrega uma influência dos povos africanos trazidos à América do Norte por conta da escravidão (D’ANGELO, 2009) e, também, segundo Dante Lucchesi (2009), por falta de acesso à escolarização. bell hooks (2008)² diz que:

O inglês padrão não é a fala do exílio. É a língua da conquista e da dominação; nos Estados Unidos, é a máscara que esconde a perda de tantas línguas, todos aqueles sons da diversidade, comunidades nativas que nós nunca ouviremos, a fala do *Gullah*, *Yiddish*, e tantas outras línguas esquecidas (HOOKS, 2008, p. 858).

Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, periférica, autodidata – aprendendo a escrever com cadernos e livros encontrados na rua - nasceu em 1914, em Minas Gerais, escreveu diversos poemas, romances, contos, músicas entre outros gêneros, muitos deles não sendo reconhecidos nem pelo público, nem pela crítica. Conhecida como a escritora de *Quarto de despejo* (1960), narra sua trajetória de vida como catadora de papel morando em uma favela na zona norte de São Paulo. Os relatos da escritora Carolina de Jesus são datados entre o dia 15 de julho de 1955 a 1º de janeiro de 1960 mostrando a rotina de Carolina. Ao longo de toda sua narrativa, ela conta em escritas diferenciadas sua rotina miserável evidenciada pelas dificuldades de conseguir dinheiro para alimentar seus filhos, de lidar com os seus vizinhos e o confronto de ser uma mãe solteira trabalhando dia e noite para sustentar a casa, tendo como obstáculos cruciais: a fome e a pobreza. Jesus (1960, p. 27) diz que “é preciso conhecer a fome para descrevê-la”.

Carolina de Jesus foi descoberta como escritora em um momento bastante revolucionário no Brasil, em que havia uma forte tentativa de valorização da cultura nacional (PERPÉTUA, 2014), sendo, também, um momento inicial da instalação da Ditadura Civil e Militar em 1964. “Representando um segmento social que começava a ameaçar o establishment, ela emblemava a luta de classes segundo o momento cabível e audível naquele determinado contexto político” (LIEBIG, 2009, p. 38), assim, a escritora chamou bastante atenção das pessoas naquele período por narrar um lugar que até então era desconhecido, a favela. Dessa forma, os pesquisadores

² Texto originalmente publicado em *Teaching to transgress: education as practice of freedom*. New York: Routledge, 1994. p. 167-175.

tenham um novo ponto de vista de uma narrativa completamente diferente ao que se costumava ler, e essa “diferença” e “exotismo” contribuíram para que a obra de Carolina fosse constantemente marginalizada. Jesus sempre se considerou uma grande escritora e a ressonância de sua produção confirma essa visão de si. Um dos exemplos disso é como seu livro teve uma recepção enorme no âmbito internacional, sendo traduzido em 13 idiomas. Seus textos entram em conflito com o que é canonicamente implantado na literatura através de sua vivência fugindo da “normalidade” da língua padrão. A escritora deixou diversos legados após a sua morte. Na década de 2000, foi inaugurado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, o Museu Afro-Brasil, cuja biblioteca leva o nome de Carolina Maria de Jesus. Já em 28 de março de 2019, foi celebrado os 150 anos da escritora em uma atividade de extensão na Faculdade de Medicina da Bahia do Terreiro de Jesus em Salvador - Bahia, evento promovido pelo Grupo de Estudos Interdisciplinares da Raridade Documental (GEIRD) com o objetivo de divulgar as obras da mesma.

A variedade da língua na literatura

A língua está em constante variação, carregada de algumas características que diferenciam a fala de um determinado grupo social da fala de outro grupo, logo, o preconceito linguístico consiste em deslegitimar a existência desta diversidade. Muitas dessas variações são estritamente descartadas pela modalidade linguística padrão sendo reconhecidas como algo “errado” e sem prestígio. Segundo Pedreira, Hora e Silva (2016), “do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas diferentes de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua” (p. 57). O uso do Inglês afro-americano e do Português afro-brasileiro são duas das variações linguísticas que sofrem preconceitos e são utilizadas nos discursos das autoras que rasuram a literatura canônica. Essa variação linguística ocorre a partir do contexto social vivido pelos falantes de tais línguas (GÖRSKI, 2015).

Alice Walker, ao produzir seus textos com a língua afro-americana, rasura a ideia estilística da escrita da língua inglesa padrão (*standard English*). Carolina Maria de Jesus utiliza desta mesma estratégia ao rasurar o português padrão que é exigido pelo padrão eurocêntrico usando o português afro-brasileiro em suas escritas descrevendo a favela e suas experiências diárias. Desta forma, a literatura negra escrita pelas escritoras citadas traz contribuições para a compreensão da modalidade linguística usada por esse recorte social de falantes negros, reforçando a importância da literatura negra em âmbitos acadêmicos.

Ao olhar o contexto histórico, em que ambas as escritoras produzem suas obras, cabe destacar que durante a escravidão era proibido ensinar aos negros a ler e a escrever (IWASSA, 2007), e após a abolição, o processo de inclusão de negros na Educação Básica e Superior foi muito lenta; no caso do Brasil, esse processo é bastante recente. Portanto, através disso e da influência africana na língua, acredita-se que foi surgindo a variedade linguística na comunicação entre os negros escravos que se perpetua até os dias atuais e que se reflete nas escritas literárias de autores e autoras negros. Ao lado dessas variedades estruturais da língua, flagra-se um distanciamento entre a elite, que usufrui de privilégios sociais, e a população marginalizada que raramente, ou nunca, tem acesso aos benefícios dos direitos humanos (LUCCHESI, 2008).

A variedade linguística ocorre por conta das questões de gêneros, situações socioeconômicas e grau de escolarização (TARALLO, 1994). Em geral, há um impasse entre a língua considerada padrão, que é ao mesmo tempo “conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade” (TARALLO, 1994, p. 12) e a língua não-padrão que constantemente sofre preconceito. Portanto, as tradições literárias e a teoria da literatura têm

assumido o uso da norma padrão linguística como uma premissa para canonização de autores/obras. Nesse sentido, Eneida Souza (2007) critica esse ponto de vista ao comentar sobre a importância da democratização dos discursos para quebrar os limites canônicos. Logo, se essas produções literárias não seguem essas regras padrões, elas não são consideradas como literatura ou são colocadas em categorias que escapam ao que convencionalmente se considera como Literatura.

A identificação de distintos sistemas de avaliação social de variantes linguísticas e processos independentes de variação e mudança dentro do cenário linguístico brasileiro foi o fundamento da visão de uma realidade linguística brasileira polarizada, distinguindo, como unidades autônomas de análise, os padrões de comportamento linguístico dos segmentos funcionalmente escolarizados, que ocupam o topo da pirâmide social, frente às variedades linguísticas da grande maioria da população brasileira, alijada da educação e demais direitos sociais. Define-se, assim, uma oposição entre uma *norma linguística culta* e uma *norma linguística popular*, ou vernácula, no grande e complexo diassistema do português brasileiro. Vale ressaltar que essa distinção é pertinente tanto para a atual configuração estrutural da realidade linguística do país quanto para o processo sociolinguístico da sua formação histórica (LUCCHESI, 2006, p. 86).

As obras de Jesus e de Walker, mediante suas questões culturais e identitárias de mulheres negras, rompem essas barreiras pautadas por critérios tradicionais e elitizados, estabelecidos por um padrão hegemônico branco, operando em defesa da não existência de uma forma “certa” ou “errada” de uso da língua, ao mostrarem, através da influência do meio em que se vive, a constante mudança inerente ao universo linguístico, e que uma única língua reconhecida e privilegiada contribui ainda mais para a solidificação da prática da exclusão social.

Língua e literatura

Todas essas abordagens se relacionam à língua, como prática social, política e identitária e também se articulam com a literatura. É notório que a língua venha acompanhada por contextos sócio-históricos e culturais que afetam um coletivo e sua condição no mundo. A língua, para Carolina Maria de Jesus e Alice Walker, apesar de geograficamente distantes, pode ter uma possível representação e ressignificação que é de resistência e de um símbolo político; assim, as escritoras usam o Português afro-brasileiro e o Inglês afro-americano, respectivamente, demarcando o território e mostrando que são línguas válidas como prática social e essas literaturas quebram as barreiras da canonização impostas pela literatura padrão.

Ngugi waThiong'o (1986, p. 8) afirma que “[f]or, from a word, a group of words, a sentence and even a name in any African language, one can glean the social norms attitudes and values of a people³.” Portanto, é importante que seja utilizada a língua não-padrão na literatura, pois ao trazer uma modalidade linguística usada por essas pessoas desprezadas pela elite, elas usam a literatura como uma espécie de porta-voz de um coletivo. Assim, essa forma de escrita é considerada um ato político por ser uma literatura considerada menor, no qual Deleuze e Guattari (2014, p. 38) expõem que “não há sujeito, há apenas agenciamentos coletivos de enunciação” e, nesse sentido, a literatura não se torna apenas uma narrativa, mas, também, um instrumento de afirmação de (re)existência na sociedade para as minorias, revolucionando toda ideia de que a cultura negra é inferior à cultura considerada padrão/branca.

³ “Pois, de uma palavra, um grupo de palavras, uma frase e até mesmo um nome em qualquer língua africana, pode-se colher as atitudes e valores das normas sociais de um povo”. (tradução nossa).

É importante ressaltar também que Jesus e Walker trazem em suas narrativas uma luta contra o racismo e o machismo instalados no sistema populacional.

DEAR GOD, He act like he can't stand me no more. Say I'm evil an always up to no good. He took my other little baby, a boy this time. But I don't think he kilt it. I think he sold it to a man and his wife over Monticello. I got breasts full of milk running down myself. He says Why don't you look decent? Put on something. But what I'm sposed to put on? I don't have nothing. I keep hoping he fine somebody to marry. I see him looking at my little sister. She scared. But I say I'll take care of you. With God help.⁴

bell hooks (2019) diz que: “desafiados a repensar, artistas e intelectuais negros insurgentes buscam novas formas de escrever e falar sobre raça e representação, trabalhando para transformar a imagem” (p. 33). Desta forma, a representatividade das escritoras na literatura é pertinente por serem um modelo para as mulheres negras, por conseguinte, os sujeitos que fazem parte desta coletividade, de alguma forma, tomarão uma posição e autocrítica sobre essa reflexão proposta pelas autoras, além de ter uma recuperação de memória e identidade cultural herdada pelos ancestrais africanos. As escritoras usam em sua forma de escrita literária uma norma não-padrão através do gênero romance epistolar, rasurando o conceito canônico de como deve ser escrito uma autobiografia. Walker, pelas cartas, e Jesus, pelo diário, narram histórias de mulheres que querem expor suas vivências para o mundo rasurando um fazer literário canônico.

Segundo Stuart Hall (2003, p. 212), os textos e narrativas precisam ser um “local de representação e resistência” e que haja um “deslocamento necessário da cultura”. Desta forma, tanto Walker quanto Jesus rasuram o centramento do poder linguístico existente na literatura tendo como princípio o uso da literatura como uma arma política. Calvino (2009, p. 344) diz que “a literatura é um dos instrumentos de autoconsciência de uma sociedade, decerto não o único, mas um instrumento essencial porque suas origens estão vinculadas às origens de diversos tipos de conhecimento, de vários códigos, de várias formas do pensamento crítico”, ou seja, através desses romances citados podemos resgatar uma memória ancestral e fazer política dando voz aos povos marginalizados culturalmente.

Essas memórias trazidas pelas narradoras sofrem uma tentativa de apagamento pelos colonizadores que, por todo momento, querem impor seus valores sociais e políticos para todo o mundo. Chimamanda Adichie (2009), em uma palestra feita no TED Talk, comenta sobre como o perigo da história única pode causar grandes problemas para a sociedade, com o enraizamento de preconceitos no cotidiano. Ela diz: “mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão”, portanto, essa história tende a ser distorcida do real, tornando-a estereotipada e, além disso, criam padrões. Por intermédio da “literatura minoritária”, podemos ter uma outra visão do contexto social e cultural na nossa realidade. A tentativa de apagamento cultural da ancestralidade africana foi – e ainda é – bastante violenta. Por isso, quando pensamos em língua como um ato político, é necessário pensar em resistir a um espaço em que o povo negro é totalmente marginalizado e excluído (o

⁴ Querido Deus, ele disse que não me suporta mais. Diz que eu sou um demônio e serei sempre uma má pessoa. Ele me tirou outro bebê, um menino dessa vez. Mas eu não acho que ele matou dessa vez. Eu acho que ele vendeu para a família Monticello. Tenho o peito cheio de leite, sai sempre e estou encharcada. Ele pergunta: Por que você não veste algo decente? Vista algo. Mas o que eu deveria vestir? Eu não tenho nada. Eu espero que um dia eu encontre alguém para casa. Eu vi que ele procura alguém para minha irmãzinha. Ela está assustada. Mas eu disse: Eu irei tomar conta de você. Com a ajuda de Deus. (tradução nossa).

racismo), escutando a dicção dessas pessoas e criando oportunidades para que se abram outros espaços de representatividade cultural.

Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me:- É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe, fica. É obediente. E o cabelo de branco, é só dar um movimento na cabeça ele já sai do lugar. É indisciplinado. (JESUS, 1997, p. 58)

A escrita de si

Escrever sobre si mesmo é um exercício de autoconhecimento composto por narrativas da memória. Para Foucault (1992), a escrita está associada a duas formas de pensamentos diferentes, a linear, na qual se torna fundamental a tentativa de ser o mais original possível em seus relatos memoriais, e a circular, aquela que permite uma releitura do discurso verdadeiro. Em ambas narrativas, é necessária a existência do “eu” nos textos escritos trazida por meio de memórias vividas através de recordações e de acontecimentos passados.

Alice Walker e Carolina Maria de Jesus, em uma perspectiva tanto linear, como circular, trazem nos seus romances escritas epistolares que caracterizam a si mesmas escrevendo sua própria existência: mulheres negras que escrevem sobre suas próprias vivências denunciando o sexismo, questões socioeconômicas e raciais (PEREIRA, 2016). A *escrevivência*, termo cunhado por Conceição Evaristo (2007)⁵, é bastante presente nas narrativas citadas, pois, através de suas memórias ancestrais, elas contam histórias que ecoam em um coletivo conquistando espaços que antes eram negados para as mulheres negras. E essa *escrevivência* tem a ver, portanto, com a autobiografia, com a ideia de “escrita de si” e o fato de que a subjetividade de qualquer escritor ou escritora contamina a sua escrita.

As mulheres saíram, deixaram-me em paz por hoje. Elas já deram o espetáculo. A minha porta atualmente é teatro. Todas as crianças jogam pedras, mas os meus filhos são os bodes expiatórios. Elas aludem que eu não sou casada. Mas eu sou mais feliz do que elas. Elas tem marido. Mas são obrigadas a pedir esmolas. São sustentadas por associações de caridade. Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem que mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pede socorro eu tranquilamente no meu barracão ouço valsas vienenses. Enquanto os esposos quebra as tabuas do barracão eu e meus filhos dormimos sossegados. Não invejo as mulheres casadas da favela que levam vida de escravas indianas. (JESUS, 1997 p. 14).

Foucault (1969), em seu texto *O que é um autor?*, comenta que “o nome do autor não está localizado no estado civil dos homens, não está localizado na ficção da obra, mas na ruptura que instaura um certo grupo de discursos e seu modo singular de ser” (FOUCAULT, 1969, p. 274). Dalcastagnè (2012), em *O lugar de fala*, discorre sobre a importância do coletivo marginalizado que é constantemente silenciado e tem a oportunidade de ser ouvido através dessas “vozes que buscam falar em nome deles” (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 17) e essas vozes, que representam diversos grupos sociais, ecoam como um rompimento canônico literário conquistando uma identidade coletiva.

⁵ “A escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (EVARISTO, 2007, p. 20).

Outro fato importante nas obras de Jesus e de Walker é o propósito da escrita como uma correspondência, na qual há um remetente/leitor para tal narrativa. Em *A escrita de si* (1992), Foucault também expõe o conceito da correspondência (carta). Ele o define como cadernos de notas pessoais destinados a outro, promovendo um efeito para quem envia, através da escrita, e para quem recebe, por meio da leitura e da releitura. É através das cartas que é exposta nossa memória mais íntima, proporcionando, assim, um olhar para o destinatário como se o sujeito estivesse presente de forma física ao narrar os dias através da sua memória. Sem deixar de ser, também, uma composição de aspectos identitários que escampam às remodelações propostas por uma razão hegemônica da língua.

Celie, personagem principal de *A cor púrpura*, é um exemplo do uso desse gênero epistolar, em que ela narra para Deus e para sua irmã sobre si mesma e da mesma forma se torna visível ao outro, tanto ao destinatário, quanto ao leitor. Isso se torna evidente quando Celie narra seu dia a dia tendo como recorrência em suas narrativas o *Black English*, sendo, então, um símbolo identitário de uma mulher negra: “Dear God, us dress Squeak like she a White woman, only her clothes patch. She got on a starch and iron dress, high heel shoes with scuffs, and a old hat somebody give Shug”⁶ (WALKER, 2009, p. 68).

Já em *Quarto de despejo*, Carolina de Jesus escreve suas notas pessoais através de um outro tipo de gênero epistolar. Seu livro, contudo, não se configura como um diário comum, mas se constitui como um documento, no qual Carolina aborda aspectos políticos, sociais e históricos da época em que vivia na favela. O texto é uma correspondência, na qual ela narra a sua vida cotidiana usando o português afro-brasileiro em que retoma o lugar de fala da escritora marcando a sua identidade. Em sua narrativa, ao ser questionada sobre o que ela escrevia, Carolina responde: “Todas as lembranças que pratica os favelados, estes projetos de gente humana” (JESUS, 2014, p. 23).

Ela também se inclui no seu diário ao narrar os seus dias. O diário de Carolina de Jesus pode ser considerado uma “narrativa epistolar de si próprio”, pois, “trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se volve para si próprio quando se aferem as ações quotidianas às regras de uma técnica de vida.” (FOUCAULT, 1992, p. 162), trazendo seu testemunho diário em uma narrativa bastante íntima que pode ser aqui verificado:

[q]uando as mulheres feras invade o meu barraco, os meus filhos lhes joga pedra. Elas diz: – Que crianças mal iducadas! Eu digo: – Os meus filhos estão defendendo-me. Vocês são incultas, não pode compreender. Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece argumentos (JESUS, 2014, p. 20).

Compagnon (2010, p. 65) afirma que a escrita de si “corresponde às estruturas profundas de uma visão de mundo, a uma consciência de si e a uma consciência do mundo através dessa consciência de si”. Portanto, a citação acima, confirma-se mais uma vez que o diário de Carolina Maria de Jesus não é apenas para narrar seus dias, ela quer ser uma escritora e quer mostrar aos leitores o que acontece dentro do mundo dela, do modo como ela o vê e representa. E essa representação política mostra um social diferente, uma rasura do que é constantemente mostrado na literatura e na língua hegemônicas.

Considerações finais

⁶ “Querido Deus, a gente vestiu a Tampinha como mulher branca, só que seu vistido tava remendado. Ela botou um vistido engomado e passado, sapato de salto alto arranhado, e um chapéu velho que alguém deu para Shug.” (tradução nossa).

Por meio de todas essas constatações teóricas, acredita-se que o Inglês afro-americano para Walker, como foi dito anteriormente, é uma forma de demarcação social e, a partir da utilização estratégica dessa língua, ela reafirma sua identidade cultural herdada pelos ancestrais. Podemos afirmar isso, também, para Carolina Maria de Jesus, em seus textos, com marcas de resistências diárias de uma vida imersa em problemas de toda sorte, nos quais ela mostra seu mundo e sua identidade de forma política por meio do seu Português afro-brasileiro.

As bases hegemônicas que constantemente interferem e julgam o que é literatura ou não, apontam quando o escritor destoa do limite proposto ao conceito de literatura e o exclui. Logo, essas línguas trazem uma luta político-cultural, que carregam histórias de um povo negro compondo, então, um mapa de rasuras, rasuras essas que quebram um parâmetro social e devem ser reconhecidas como parte de uma literatura que transcende o imaginário hegemônico de base histórica.

Pensem no senhor que conserta sua geladeira, no rapaz que corta seu cabelo, na sua empregada doméstica – pessoas que certamente têm muitas histórias para contar. Agora cole o retrato deles na orelha de um livro, coloquem seus nomes em uma bela capa, pensem neles como escritores. A imagem não combina, simplesmente porque não é esse o retrato que estamos acostumados a ver, não é esse o retrato que eles estão acostumados a ver, não é esse o retrato que muitos defensores da Língua e da Literatura (tudo com L maiúsculo, é claro) querem ver. Afinal, nos dizem eles, essas pessoas têm pouca educação formal, pouco domínio da língua portuguesa, pouca experiência de leitura, pouco tempo para se dedicar à escrita. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 14).

É importante pensar, também, que os dois livros, escritos por mulheres negras, Jesus e Walker, podem ser lidos como documentos de memória que abrem espaços para pensar outros gêneros de escritas literárias que dão vazão ao uso da língua de forma menos cerceada pelos padrões linguísticos. Além disso, reforça a importância da literatura negra como um grande arcabouço epistemológico para pesquisas acadêmicas e para uma reflexão sobre a língua como uma construção identitária de um povo que constantemente sofre tentativas de apagamento político, social e de sua memória cultural impostas pela sociedade elitizada.

IDENTITY CONSTRUCTIONS AND ITS CONFLUENCES ON BOTH AFRO-AMERICAN ENGLISH AND AFRO-BRAZILIAN PORTUGUESE: ALICE WALKER AND CAROLINA MARIA DE JESUS

Abstract: The article aims to make a survey of the linguistic representations present in the books *The color purple* (1982), by Alice Walker' and *Quarto de despejo* (1960), by Carolina Maria de Jesus, which denote the relationship between language and identity, shaving the logic canonical matrix, by inscribing an expressive writing of Afro-American English and Afro-Brazilian Portuguese in the scene of literary studies.

Keywords: Language. Identity. Literary studies.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *The danger of a single story*. TEDGlobal 2009. Oxford, U.K., July 2009. Lecture.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais. *Iberic@L*, Paris, n. 2, 2012. Disponível em: <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf>. Acesso em: 14 maio 2019.

D'ANGELO, Biagio; SANTOS, Waltecy Alves dos. *Violação à intimidade: o gênero epistolar em A cor púrpura*, de Alice Walker. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaipotesei/files/2009/10/viola%C3%A7%C3%A3o-%C3%A0-intimidade.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2018.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é literatura menor? In: _____; _____. Kafka: por uma literatura menor*. São Paulo: Autêntica, 2014. p. 35-56.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. *In: _____. O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? (1969). *In: _____. Estética: literatura e pintura, música e cinema*. 4. ed. Brasil: Forense Universitária, 2015. p. 264-298.

GÖRSKI, Edair Maria et al. *Para conhecer: sociolinguística*. [s.l.]: Contexto, 2015.

HALL, Stuart. Estudos culturais e seu legado teórico. *In: _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOOKS, bell. Introdução: atitude revolucionária. *In: _____. Olhares negros: raça e representação*. [s. l.]: Elefante, 2019.

IWASSA, Hiroco Luíza Fujii. Black English: sob a perspectiva da sociolinguística e da tradução. *Anais III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL – UEMS-Dourados*. 08-10 out. 2007.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.

_____. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

LIEBIG, Sueli Meira. Uma mulher dionísia. *Le Monde Diplomatique*, São Paulo, ano 3, n. 32, mar. 2009.

LUCCHESI, Dante. Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, [s. l.], 2006.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza (orgs). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

PEDREIRA, Carlos Wilson J.; HORA, Dermeval da; SILVA, Norma da Silva. A variação linguística no ensino de língua portuguesa. *In: Encontro de Sociolinguística*, 6., 2016, *Anais*.

PPGEL/UNEB/Salvador. Estudos sobre a relação entre língua e sociedade... Salvador: [s.n.], 2016. p. 56-68. Disponível em: <https://portal.uneb.br/ppgel/wp-content/uploads/sites/112/2018/08/VI-Encontro-Anais-com-Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Final.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2018.

PEREIRA, Maria do Rosário A. Representações femininas em "Duzu-Querença" e "Olhos D'água". In: DUARTE, Constância Lima; CÔRTEZ, Cristiane; PEREIRA, Maria do Rosário A. *Escrivências: identidade, gênero e violência na obra de Conceição Evaristo*. Bauru: IDEA, 2016. p. 247-256.

PERPÉTUA, Elzira Divina. *A vida escrita de Carolina Maria de Jesus*. Belo Horizonte: Nandyala, 2014.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento; Justificando, 2017.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 105 -144

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

THIONG'O, Ngũgĩ wa. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. London: J. Currey, 1986.

WALKER, Alice. *A cor púrpura*. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Data de submissão: 14/06/2019

Data de aceite: 28/08/2019